

O crime da omissão.

Ao desembarcar em São Paulo, após prolongada ausência, constatei, incrédulo, os primeiros sintomas de onda de antisemitismo. Tal constatação podia ser fruto de excessiva sensibilidade devida a experiências prévias dolorosas. Por isto procurei aferir minha impressão em numerosos diálogos com amigos judeus e não-judeus. Verifiquei que tal impressão é compartilhado por muitos. Destarte minha dimensão de brasileiro e de judeu, mas sobretudo a de intelectual, é desafiada.

Intelectual é sujeito que fala, ou, para dizê-lo mais elegantemente: crê no poder do "logos". Crê que a razão pode dissipar as brumas das ideologias. E crê que, si não o faz, se omite. Isto vale para tôdas as ideologias, mas vale com força redobrada para o antisemitismo. Por duas razões diferentes. O antisemitismo é ideologia especialmente nefasta, por ser tecido de mentiras e fantasias que se adapta a contextos os mais variados, sejam religiosos, económicos, sociais ou nacionais. E por ter cometido crimes especialmente medonhos em passado recente. De maneira que si o intelectual se omite no caso do antisemitismo, está cometendo crime de omissão especialmente imperdoável

Há os que recomendam prudência no caso. Não caíamos em tal cilada do "não se fale nisto". A estratégia do calar é a tácitamissão da posição pretensamente negada: quem recomenda que o antisemitismo seja calado por pretense amor aos judeus, revela, precisamente por tal "filosemitismo", que está reprimindo seu próprio antisemitismo.

Não há problema que possa ser agravado por discussão franca. A conscientização do antisemitismo, provocada por discussão ampla, tende a dissipar, e não a intensificar, a ideologia discutida. Quanto mais se fala em antisemitismo, tanto mais aparecerão as inconsistências lógicas, as inversões emocionais, e as projeções que o compõem, e simultaneamente aparecerão os verdadeiros motivos socio-económicos que o sustentam. Quem teme a discussão ampla e franca do antisemitismo é, ipso facto, antisemita. O que inclui numerosos judeus prudentes

Não permitamos que o nefasto ditado "a história apenas ensina que nada ensina" se confirme no nosso caso. Não cometamos o crime da missão perpetrado pelos intelectuais europeus dos anos trinta. Embora os cientistas, artistas, sacerdotes, e, em geral, os intelectuais prudentes da época não sejam passíveis de processos penais, são no entanto vermes esmagados pelo peso da responsabilidade por Auschwitz que carregam sem tê-lo assumido. Não nos calemos como o fizeram eles. Assumamos o peso da responsabilidade pelo antisemitismo, e recusemos a estratégia dos panos quentes.

Admitidamente: o antisemitismo atual dispõe de nova peça, se comparado com o dos anos trinta. A existência do estado judeu. Não que dela necessite: funciona bem também sem ela. Mas Israel impõe responsabilidades novas sobre o intelectual engajado. Se for engajado em prol de Israel, impõe que saliente sobretudo os problemas que a existência do estado judeu coloca para os não-judeus. Se for engajado contra o sionismo, impõe que lute para que o antisionismo não degenerem em antisemitismo, tarefa essa muito difícil. Este artigo se quer pois, também não extendida em direção dos intelectuais, especialmente árabes, que têm a tarefa pouco invejável de ter que lutar contra o antisemitismo.

Mas admito minha confusão: ao estar estendendo minha mão em direção dos intelectuais árabes, estaria "discriminando"? É que, após tantos anos de acusação de ser eu poluidor de raças, digiro mal a informação que sou racista. Faço o gesto de amizade porque creio que o intelecto tem o poder de superar as condições que separam os homens, por exemplo sob forma de luta comum contra o antisemitismo, o qual nos ameaça a todos, por ser ideologia que degrada todos os homens.

Intelecto não é aquele instrumento frio que corta em fatias emoções e sentimentos que tantos ideólogos, sobretudo os antisemitas, combatem. Intelecto pode ser emoção intensificada por disciplinada, e o intelectual pode ser a consciência da sua sociedade. Sejamos intelectuais em tal sentido nobre do termo: falemos em antisemitismo por todos os meios, de todos os pontos de vista, e quaisquer que sejam as condições que nos determinam. Não nos omitamos.